



A IDADE, OS VELHOS, A VIDA NA TERCEIRA IDADE

Jorge Adelindo de Sousa Gonçalves

Procurador-Geral Adjunto

Coordenador do Ministério Público na Comarca de Braga

Resumo: O autor apresenta uma reflexão pessoal sobre a idade, o envelhecimento e os idosos. Partindo da referência de Carlos Drummond de Andrade à floresta de velhos, analisa o contributo do Ministério Público na Comarca de Braga em conjunto com a Comissão de Proteção ao Idoso para a defesa da pessoa idosa.

Palavras chave: Envelhecimento, idosos, Ministério Público, Comissão de Proteção ao Idoso.

AGE, THE OLD, LIFE IN THE THIRD AGE

Abstract: The author presents a personal reflection on age, aging and the elderly. Based on Carlos Drummond de Andrade's reference to the forest of old people, he analyzes the contribution of the Public Ministry in the District of Braga together with the Commission for the Protection of the Elderly to defend the elderly.

Key words: Aging, Elderly, Public Ministry, Commission for the Protection of the Elderly.

A Comissão de Proteção ao Idoso (CPI) e a Procuradoria da República da Comarca de Braga não querem continuar a atravessar a floresta dos velhos.

I

Idade

A Senhora de Idade

A Senhora de idade, de tão bons sentimentos, tão bonitas maneiras, vive dos rendimentos. Vive, não, sobrevive. A roupa está no fio, tem, porém, o seu brio, não se queixa a ninguém. Vive triste, sozinha, e pouco sai de casa porque o barulho a arrasa. Depois, sair com quem? Não tem filhos, é viúva E teme a solidão, Receia o vento, a chuva.	Apetece-lhe, às vezes, ver os barcos no rio, os pombos no Rossio, mas não, custa-lhe a andar, o calçado está caro e cada mês que passa o dinheiro é mais raro. Mas de que vive então? De alguns copos de leite, de chá e de tisanas, de pão e duma sopa, a mesma, quase a mesma, semanas e semanas. Vai à missa, ao domingo, e às vezes, quando há sol	ou cheira a maresia, compra um fruto, uma flor, para ter companhia. Que lhe resta, coitada, à Senhora de idade? Resta-lhe pouco ou nada, Porém resta-lhe tudo: Uma grande saudade, um sofrimento mudo que é reserva e pudor, às vezes uma flor, e a sua dignidade. <i>Fernanda Castro,</i> URGENTE, 1989.
---	--	--

A primeira ideia para idade é a irreversibilidade e a segunda é a de declínio. Porque vivemos do tempo, isto é, o humano é temporalidade ou o que cada um faz do tempo.

A temporalidade ou a duração é marcada por etapas que reconstruímos constantemente, quer a nível pessoal quer a nível interpessoal.

Neste contexto, relativamente à idade, podemos fazer uma leitura cronológica, uma leitura biológica, uma leitura sociológica e uma leitura psicológica ou personalizada.

A leitura cronológica limita a ideia de idade. Não se diz de um adolescente ou de um adulto jovem que é idoso, nem o adolescente se considera idoso e muito menos tem pena do tempo que viveu.

O idoso sim. Tem pena daquele que em terceira idade ou em anciania se diz que é um idoso.

Por aqui se pode verificar que idade, em termos culturais, é negativa, reveste um significado pejorativo em todos nós. As principais vítimas deste sentido pejorativo são as pessoas da terceira idade ou mesmo em anciania.

A leitura biológica vê a idade como uma curva descendente a corresponder a outra curva, esta ascendente, ligadas por uma plataforma, cume de perfeição, normalmente designada por idade adulta. Caminha-se para a perfeição, cresce-se ou amadurece-se, há evolução. Depois, decresce-se, regride-se, dá-se uma involução. É o ciclo orgânico que se aplicou à personalidade: «manhã e tarde da vida».

O resultado, na vivência do quotidiano, é a impressão desfavorável relativamente ao período de involução que, através de modelos culturais, se encontra presente e fortemente vincada em cada um de nós, particularmente nos idosos e dos que dessa idade se aproximam.

A leitura sociológica coloca a idade na razão inversa da produtividade ou rentabilidade económica. A terceira idade encontra-se nestas circunstâncias de menor rentabilidade e a reforma e suas consequências negativas constituem a manifestação mais curiosa. Outra manifestação curiosa é a definição de inteligência enquanto rentabilidade social, pelo que, em tempos, as mulheres e os artistas, tidos por menos rentáveis, não eram inteligentes.

Com que razão podemos continuar a olhar a idade, o idoso, nestas perspetivas?

Só certas atividades ou certas idades é que podem ser consideradas rentáveis? Porquê estabelecer um período da existência como paradigma, o organismo como modelo e a rentabilidade como critério?

Numa perspetiva psicológica ou personalizada, a maturação biótica é a base. A ação dos conteúdos culturais do grupo de referência e de pertença é especificamente humana, assim como a unidade pessoal, em termos de tridimensionalidade temporal e de significação, é o definitivamente humano. Todo o transcurso existencial é desenvolvimento, mesmo quando termina a maturação ou se modifica a ação dos

conteúdos culturais. Cada fase desse transcurso tem um significado próprio e características próprias e a sua diferenciação só tem sentido se for praticada adentro do mesmo grupo etário.

A idade é, portanto, apenas uma referência cronológica.

II Os velhos

Todos nasceram velho -
desconfio.
Em casas mais velhas
que a velhice,
em ruas que existiram
sempre – sempre
assim como estão hoje
e não deixarão nunca de
estar:
soturnas e paradas e
indelévels
mesmo a desmoronar do
Juízo Final.
Os mais velhos têm 100,
200 anos
e lá se perde a conta.
Os mais novos dos
novos,
não menos de 50 –
anormalidade.

Nenhum olha para mim.
A velhice o proíbe.
Quem autorizou
existirem meninos neste
largo municipal?
Quem infringiu a lei da
eternidade
que não permite
recomeçar a vida?
Ignoram-me. Não sou.
Tenho vontade
de ser também um velho
desde sempre.
Assim conversarão
comigo sobre coisas
seladas em cofre de
subentendidos
a conversa infundável de
monossílabos,
resmungos,

tosse conclusiva.
Nem me vêm passar.
Não me dão confiança.
Confiança! Confiança!
Dádiva impensável
nos semblantes
fechados,
nos felpudos redingotes,
nos chapéus
autoritários,
nas barbas de milénios.
Sigo, seco e só,
atravessando
a floresta de velhos.

*Carlos Drummond de
Andrade,*
BOITEMPO, 1968, 1973
e 1979

Outrora a velhice era uma dignidade.

Na tradição judaico-cristã, os anciãos, eram homens sábios, capazes, íntegros e experientes, que chefiavam e jugavam o povo segundo a vontade de Deus.

Estes homens e mulheres carismáticos, marcados por forte personalidade capazes de se imporem moralmente perante a comunidade, influenciavam Reis em tempo de paz e de guerra e tinham assento no Senado e nas Cortes.

Na atualidade a velhice é um peso e os velhos uma classe descartável pelo que a promoção dos direitos humanos ocupa um papel central no empenho da Europa para promover a dignidade da pessoa, porque persistem muitas situações onde os seres humanos são tratados como objetos, dos quais se podem programar, a conceção, a configuração e a utilidade, e depois, são jogados fora quando se tornaram frágeis, doentes ou velhos.

Uma das doenças mais difusa nas nossas comunidades é a solidão e vemo-la particularmente nos idosos, muitas vezes abandonados à sua sorte.

Solidão

Ouvir passos, sabendo
de antemão
que ninguém vai passar,
bater à porta.
Abrir, ansiosa, a caixa do
correio,
duas vezes por dia,
sabendo muito bem
que está vazia.
Olhar o telefone horas a
fio,
ano após ano,
tocar a companhia
e ouvir dizer: “Desculpe
foi engano”.

Ouvir ranger a porta do
ascensor,
senti-lo estremecer,
arrancar com uma
espécie de estertor,
e, enfim, parar,
mas sempre noutro
andar.
Pôr na mesa um talher
para alguém que vier,
sabendo muito bem
que ninguém vem.
Pôr um vestido novo,
um anel, um colar,

sabendo que ninguém
vai reparar.
Ver o cabelo
embranquecer aos
poucos,
A pele envelhecer,
perder o viço,
e ninguém dar por isso.
Morrer. E alguém ler no
jornal:
Morreu fulana. O
Funeral

Fernanda de Castro,
URGENTE, 1989.

Sobre os mais velhos é exercida violência física e psicológica e não lhes facultamos muitas vezes apoio, porque lho negamos.

Sujeitos a todo o género de discriminação, a uma pressão stressante, é-lhes negada assistência, alimento, carinho, conforto, atenção, confiança...

Promover a dignidade do idoso significa reconhecer que ele possui direitos inalienáveis de que não pode ser privado por arbítrio de ninguém.

Relendo o poema de Carlos Drummond de Andrade, será a confiança uma dádiva impensável?

Será que estamos condenados a seguir secos e sozinhos, atravessando a floresta dos Velhos?

III

A vida na terceira idade

A Comissão de Proteção ao Idoso (CPI) e a Procuradoria da República da Comarca de Braga não querem continuar a atravessar a floresta dos velhos.

Para tanto, foi assinado um protocolo entre a CPI e o Ministério Público que visa a colaboração mútua em casos de violência (física e psicológica), abandono e maus tratos contra o idoso.

Foi criada a figura do Provedor do Idoso, pessoa oriunda da comunidade, idónea e com especial sensibilidade para as questões dos idosos e capaz de fazer a ligação entre os idosos e as instituições nesta área.

Através do Instituto do Maior Acompanhado irá o Ministério Público dar o seu contributo para acabar com a solidão, para contribuir para um envelhecimento com dignidade e para, afinal, que os Idosos acreditem na vida, nos outros, na comunidade e nas instituições.

Numa palavra pretende-se transmitir aos mais velhos, dignidade, confiança, tranquilidade, solidariedade, respeito, esperança no futuro, felicidade, alegria...

Porque é urgente

Urgente é construir
serenamente

Seja o que for,

choupana ou catedral,

é trabalhar a pedra, o
barro, a cal,

é regressar às fontes, à

nascente.

É não deixar perder-se
uma semente,

É arrancar as urtigas do
quintal

É fazer de uma rosa o
roseiral
Sem perder tempo.
Agora. Já. É urgente.
Urgente é respeitar o
Amigo, o Irmão,

é perdoar, se alguém
pede perdão,
é repartir o trigo do
celeiro.
Urgente é respirar com
alegria,

ouvir cantar a rola, a
cotovia,
e plantar no pinhal
mais um pinheiro.

Fernanda de Castro,
Poesia II, 1959

É urgente fazer tudo o que o que estiver ao nosso alcance, ainda que seja coisas simples como plantar no pinhal mais um pinheiro, porque o importante é que se faça pois, só assim podemos transmitir a todos os idosos a confiança de que precisam para terem a dignidade que lhes foi sonogada.

Desta forma poderemos um dia dizer,

Olha estas árvores,
mais belas
do que as árvores
moças, mais amigas,
tanto mais belas quanto
mais antigas,
vencedoras da idade e
das procelas...
O homem, a fera e o
inseto, à sombra delas
vivem, livres da fome e
de fadigas:

e em seus galhos
abrigam-se as cantigas
e os amores das aves
tagarelas.
Não choremos, amigos,
a mocidade!
Envelheçamos rindo.
Envelheçamos
como as árvores fortes
envelhecem,
na glória da alegria e da
bondade,

agasalhando os
pássaros nos ramos,
dando sombra e
consolo aos que
padecem.

Olavo Bilac,
EXÍLIO, 1952

Será assim a terceira idade se e quando quisermos...